

**Narrativas do front: da linha de frente para o Twitter,
as narrativas médicas em 280 caracteres**

*Front narratives: from the front line to twitter,
the medical narratives in 280 characters*

Dalva Lima dos SANTOS¹
José Guilherme de Oliveira CASTRO²
Lucilinda Ribeiro TEIXEIRA³

Resumo

O objetivo deste artigo é analisar as narrativas dos profissionais médicos que estão na linha de frente no combate à COVID-19, a fim de compreender como o *tweet* se constitui num gênero narrativo digital sintético e de testemunho. Para tanto, à luz de Seligmann-Silva (2003), Marcuschi (2010) e Alós (2008), foram analisadas vinte e três publicações de médicos usuários da rede social Twitter, no período de maio a junho de 2020. Após análise, verificou-se que o *tweet* é uma narrativa sintética comum aos tempos pós-modernos e que, por viver-se num período atípico de pandemia mundial, pode-se dizer que as narrativas de profissionais médicos que atuam na linha de frente, constituem-se em narrativas de testemunho.

Palavras-chave: Narrativa. Testemunho. Covid-19.

Abstract

The purpose of this article is to analyze the narratives of medical professionals who are at the forefront in the fight against COVID-19, in order to understand how tweet is constituted in a synthetic and testimonial digital narrative genre. For this purpose, in the light of Seligmann-Silva (2003), Marcuschi (2010) and Alós (2008), twenty-three publications of some physicians using the social network Twitter were analyzed, from May to June 2020. After analysis, it was verified it is known that the tweet is a synthetic narrative common to postmodern times and that, because we live in an atypical period of a global pandemic, it can be said that the narratives of medical professionals working in the front line, constitute narratives of testimony.

Keywords: Narrative. Testimony. Covid-19.

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC – UNAMA). E-mail: profdalvafrances@gmail.com

² Doutor em Letras pela PUC-SP. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. E-mail: jgpsico.letas@gmail.com

³ Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC- SP. Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura – UNAMA. E-mail: lucilind@uol.com.br

Introdução

É inegável, segundo Motta (2013), que a narrativa esteja presente em todas as esferas da vida do homem. Isto porque, conforme Bruner (1997), narrar é a forma estruturadora das experiências humanas, pois, de acordo com este autor, o que se vive é organizado e construído obedecendo às regras da narrativa, como a sucessão de acontecimentos e suas interpretações, o tempo, o espaço, ou seja, é pela narrativa, uma aptidão inata (Bruner, 1997, p. 74), que o homem busca compreender o mundo em que vive.

Com o advento das novas tecnologias, surgem também novas maneiras de o homem narrar o mundo e suas experiências. A sociedade da informação (LEMOS, 2002), dinâmica e veloz, exige dos sujeitos, que testemunham suas vidas e a de outros, uma escrita igualmente veloz e objetiva, agora mediada por computadores, celulares e tablets, modificando, assim, o suporte de escrita e, por consequência, de leitura.

Nessa era da cibercultura (LEVY, 1999), emergem novos gêneros textuais, mas que, no entanto, mantêm relação com gêneros textuais utilizados em outros suportes não digitais, a exemplo, o e-mail que é uma troca de mensagens semelhantes às das cartas. Sobre isso, Marcuschi (2002), afirma que gêneros textuais já existentes, como o texto narrativo, em ambiente virtual, passaram por adaptações e foram incorporados aos novos suportes e plataformas tecnológicas encontradas facilmente na sociedade atual, dando surgimento aos gêneros digitais.

O *tweet*⁴, a partir dos parâmetros estabelecidos por Marcuschi (2002), pode ser considerado um gênero emergente no meio virtual, pois, segundo Parente (2014, p. 44), o *tweet*, é um texto sintético (280 caracteres), que atende a diversos propósitos comunicativos, promovendo interação rápida entre seus usuários, facilitando “a velocidade de propagação de informações”. Nota-se, no entanto, que além dessas características levantadas pelo autor, o *tweet*, no atual cenário pandêmico mundial, também possui características de narrativas testemunhais.

As narrativas de testemunho, segundo Anselmo Alós (2008, p.2) pertence a um gênero literário de “viés assumidamente político”, e abrange não apenas produções estritamente literárias como romances, novelas, contos ou crônicas, mas também

⁴ Texto publicado pelos usuários da rede social Twitter e veiculados nesta plataforma.

aquelas que mantêm relação com outras formas de escrita, como a autobiografia, a narrativa ficcional, matérias jornalísticas que, de igual forma, trazem testemunhos de exclusão e/ou opressão social.

Para compreender melhor a relação entre publicações na rede social Twitter e narrativas de testemunho, este artigo propõe analisar *tweets* publicados no período de maio a junho de 2020, de alguns profissionais médicos que atuam na linha de frente no combate à COVID-19. Assim, serão trazidos para esta análise, Alós (2008), Seligmann-Silva (2003), Marcuschi (2010), além de contribuições de Parente (2014) e Brunner (1994).

Da narrativa tradicional à narrativa digital

Narrar, segundo Jerome Bruner (1997) faz parte da natureza humana, é uma aptidão primitiva, cultural e inata, que o homem utiliza para melhor compreender o mundo:

a forma típica de esquematização da experiência (e a memória que temos dela) é a narrativa, e Jean Madnler nos fez o serviço de reunir evidências mostrando que o que não se torna estruturado narrativamente sofre perdas de memória. A esquematização busca experiências na memória, onde, como sabemos desde os estudos clássicos de Barlet, ela é sistematicamente alterada para se adaptar às nossas representações canônicas do mundo social ou, se ela não puder ser assim alterada, é esquecida ou reforçada em sua excepcionalidade. (BRUNER, 1997, p. 54-55)

É a narrativa, portanto, a estruturadora das experiências humanas, pois o que se vive é organizado e construído obedecendo às regras da narrativa, como a sucessão de acontecimentos, o tempo, o espaço, diferentes interpretações. Isto é, ao narrar suas histórias ou as de outrem, o homem recorre, como afirma Walter Benjamin (1985), a um acervo de experiências vividas, e ao narrar, também transforma as experiências daqueles que o ouvem/leem, o que acaba por conferir à narrativa um caráter integrador e como mecanismo de comunicação de experiências humanas.

Com o advento das mídias digitais, esse efeito integrador da narrativa potencializou-se e, segundo Prado et al (2017), as características da narrativa escrita e oral fundiram-se. A tecnologia permitiu a incorporação de *links*, *hiperlinks*, que alteram

a sequência da linearidade da narrativa escrita, o leitor, interage com o texto e constrói sua própria sequência narrativa. Apesar disso,

elas mantêm a sua finalidade, ou seja, sua elaboração dos elementos básicos, como o tempo, o espaço, o narrador, a personagem e o enredo; estes são quase inalteráveis, mesmo havendo mudanças consoantes à mídia utilizada. (PRADO ET AL, 2017, p. 1160)

A era da cibercultura (LEVY, 1999), concebeu diversas plataformas em que é possível narrar a si e suas vivências, além de construir histórias e narrativas que podem ser, de acordo com Motta (2013, p. 71), ficcionais ou não. Nesse sentido, as redes sociais ganham destaque como espaço narrativo. É o caso do Facebook, do Instagram, do LinkedIn, do Twitter, entre outros que além de compartilharem fotografias, opiniões, mais recentemente, essas redes sociais passaram a contar com um novo recurso para que seus usuários construam suas narrativas dentro de suas plataformas: o modo *stories* (histórias, em português).

Com a expansão do conceito de narrativa, ampliaram-se também as possibilidades de construções narrativas, pode-se incluir vídeos, fotografias, sons, links e hiperlinks. A estas narrativas, dá-se o nome de narrativas digitais ou histórias multimodais, que segundo Prado et al (2017, p. 1164),

possuem alguns elementos estruturais, como enredo, narrador, personagens, espaço, tempo. De modo que a história, o que vai ser contado, assim como em tempos passados era feito no entorno da fogueira, as narrativas digitais harmonizam vozes, sons, textos, imagens, vídeos e diferentes recursos tecnológicos para elevar a experiência sensível do leitor e aproximá-lo o máximo possível da realidade.

Apesar das alterações ocorridas no ato de narrar devido às inovações tecnológicas, o narrador permanece como elemento necessário à narrativa: alguém precisa narrar.

Para Benjamin (1985, p. 60), “o narrador fala, narra e compartilha suas experiências ou de outros”, nesse sentido, a concepção de narrativa digital encontra aí sua razão de existir, pois a narrativa tal qual se concebeu antes, foi transformada e adaptada, adquiriu novas características ao agregar os recursos que são oferecidos (imagem, som) e limitações (atualizações, escrita sintética) aos usuários de redes sociais e, mais do que sobreviver, a narrativa permanece.

Mas seria o *tweet* um tipo de narrativa? Antes disso, seria um gênero emergente do mundo digital? Luiz Antonio Marcuschi (2010) criou parâmetros para que fosse possível a identificação de gêneros digitais. O autor afirma que,

os gêneros emergentes nessa nova tecnologia são relativamente variados, mas a maioria deles tem similares em outros ambientes, tanto na oralidade como na escrita. [...] Isto porque os ambientes virtuais são extremamente versáteis e hoje competem, em importância, entre as atividades comunicativas, ao lado do papel e do som. Em certo sentido, pode-se dizer que, na atual sociedade da informação, a Internet é uma espécie de protótipo de novas formas de comportamento comunicativo. (MARCHISCHI, 2010, p. 15-16)

Com o surgimento de novas tecnologias, o suporte textual mudou e, antes o que era no papel, passou às telas de computadores, tablets e celulares, adaptando-se às limitações de cada plataforma. Segundo Parente (2014),

o *tweet* possui características peculiares por causa do suporte digital (baseado no conceito de suporte de Marcuschi, 2008), mas, assim como o blog e o e-mail, ele tem uma contraparte em gêneros impressos, como o bilhete e o telegrama. Nestes gêneros também havia a necessidade de escrever de forma sintética, sendo importantes o uso de recursos, como a supressão e a abreviatura de palavras. (PARENTE, 2014, p.41)

O *tweet*, apesar de possuir recursos como uso de imagens, links, hiperlinks, tem, como uma de suas características, a limitação em 280 de caracteres⁵, o torna um texto sintético com o objetivo de veiculação rápida de informações, o que o assemelha ao telegrama.

Marcuschi (2010, p. 41-42), elenca as seguintes características para identificação de um gênero emergente no meio digital: relação temporal (síncrona, assíncrona); duração (indefinida, rápida, limitada); extensão do texto (indefinida, longa, curta); formato textual (turnos encadeados, texto corrido, sequências soltas, estrutura fixa); participantes (dois, múltiplos, grupo fechado); relação dos participantes (conhecidos, anônimos, hierarquizados); troca de falantes (alternada, inexistente); função (interpessoal, lúdica, institucional, educacional); tema (livre, combinado, inexistente); estilo (monitorado, informal, fragmentário); canal/semioses (só texto escrito, oral e escrito); e recuperação de mensagem (por gravação, voláteis).

A partir desses parâmetros, pode-se concluir que o *tweet* é: síncrono; tem duração rápida; é curto e corrido; os participantes são múltiplos e conhecidos entre si,

⁵ Desde a criação do Twitter em 2006 até 2017, os *tweets* eram limitados a 140 caracteres.

mas apesar disso a troca entre os falantes é quase inexistente; tem função lúdica, interpessoal, mas também institucional ente outras, dependendo do objetivo da conta; o tema é livre; o estilo é informal, apesar de ser usado por muitas empresas; os textos são escritos e imagéticos; e a recuperação de mensagens é volátil.

Assim, o *tweet*, por atender a diversos propósitos comunicativos, por poder ser utilizado em várias esferas discursivas (empresarial, institucional, educacional, pessoal...), permitindo a interação rápida entre seus usuários, possibilitando, além dos 280 caracteres, a criação de links e inserção de imagens e som, pode ser considerado um gênero emergente no meio digital.

Ressalta-se que diferentemente de outras redes sociais, como o Facebook ou o Instagram, os elos sociais estão constantemente sendo feitos e desfeitos, isto ocorre pois,

nesta plataforma ocorre uma ruptura com os padrões de interação social digital anteriores, inaugurando uma nova espécie de entrelaçamento informacional onde a continuidade do movimento dos fluxos, justamente com as mídias móveis, perfaz uma nova experiência da temporalidade, o *always on*. (SANTAELLA, 2010, p. 93-94)

Isto é, na rede Twitter o fluxo comunicativo é intenso e ocorre em tempo real, tornando-a, como afirma Santaella (2010, p. 66), em uma verdadeira “ágora digital global” em que todos os assuntos circulam ao mesmo tempo, sem, no entanto, se colidirem.

Nesta “ágora digital global”, destaca-se a narratividade, uma vez que é comum entre usuários do Twitter, não apenas a interação entre si, como também o compartilhamento de suas experiências ocorridas nas diversas esferas de suas vidas. Aqui, há outra diferença entre esta rede e outras mais populares no Brasil: enquanto que em redes como o Facebook os usuários interagem com base em contatos pessoais pré-existentes, ou seja, fora da rede, no Twitter, o foco da interação está no tipo de conteúdo que é compartilhado por seus usuários, isto porque, quando se segue alguém assina-se o seu canal de informação,

escolher seguir ou não alguém é uma opção baseada em critérios que vão além da amizade e simpatia. (...) Portanto, um laço social existente fora da plataforma não irá necessariamente ser confirmado dentro da plataforma. (SANTAELLA, 2010, p. 92)

Isto significa que, ao escolher seguir alguém, não necessariamente será seguido de volta, pois os laços afetivos não são, segundo Lucia Santaella (2010), condição primeira para acompanhar determinado usuário, estabelecendo, assim, ainda de acordo com aquela autora, uma nova forma de se estabelecer o vínculo social: o de seguir uma pessoa sem que esta esteja consciente de sua presença.

Apesar dessa aparente impessoalidade entre seguidores, é comum que os usuários do Twitter se sintam livres para narrarem suas histórias (ficcionalis ou não), dividir angústias, narrar seus testemunhos, posicionar-se politicamente, transformando a rede social Twitter num grande mural onde várias narrativas testemunhais se cruzam, mas sobretudo, onde seus usuários são testemunhas vivenciais do que acontece na sociedade em que vivem.

Narrativa e narrativa de testemunho

Inúmeros são os estudiosos que têm se dedicado ao estudo da narrativa que vão além de relacionar este gênero aos cânones da teoria literária. Cientistas sociais, psicólogos, filósofos, linguistas, enfatizam em seus estudos o caráter social, cultural e discursivo da narrativa que, segundo Bruner (1997), é inerente à condição humana.

O debate crítico sobre escrita do testemunho, segundo Ginzburg (2008), vem ganhando cada vez mais espaço nas discussões dos estudos literários no Brasil. Entre os teóricos brasileiros que discutem sobre o conceito de testemunho e sua relação com a escrita, está Márcio Seligman-Silva que afirma ter sido Walter Benjamin o primeiro e mais brilhante teórico do gênero. Mas a acepção literatura de testemunho é encontrada em estudos dedicados à obra de Primo Levi, que se refere ao período em que foi prisioneiro durante a Segunda Guerra mundial em Auschwitz-Birkenaul.

Na América Latina, onde o conceito de as narrativas de testemunho, enquanto gênero literário, possuem “viés assumidamente político, comprometido e engajado com as questões políticas e sociais” (ALÓS, 2008), os primeiros estudos são desenvolvidos a partir dos anos sessenta e ganha, de acordo com Seligmann-Silva (2002, p. 74), um peso muito mais político partidário que cultural, havendo, assim, uma “convergência entre política e literatura”. Ressalta-se que é a partir da década de 1960 que vários países da América Latina passam por profundas mudanças político-sociais. É o caso de Cuba, que

conforme autor anteriormente citado, “teve papel chave na institucionalização do gênero literatura de testemunho” (*idem*); Brasil (1964), Chile (1970), Nicarágua (1979).

A narrativa de testemunho possui valor não apenas artístico-literário, por isso limitá-la somente este tipo de análise acabaria por excluir a possibilidade de abrir novos horizontes de investigação, pois, de acordo com Alós (2008, p. 01), é preciso

pensar o termo “literatura de testemunho” enquanto categoria analítica, ainda que de uma forma não-totalizadora nem reducionista, justamente para permitir a valorização de exemplos singulares que se tornam representativos a partir do momento em que rompem com as definições preestabelecidas.

Como o objetivo deste trabalho é analisar *tweets* de profissionais médicos que atuam na linha frente no combate à COVID-19 enquanto narrativas de testemunho, tratar deste gênero tão somente à luz da estrutura narrativa preconizada pela teoria literária, pareceria inócuo, por isso, é necessário recorrer ao extraliterário, ao discurso, ao contexto de produção, pois a escrita de testemunho, perpassa, segundo Seligmann-Silva (2006, p. 41), pela tentativa de narrar algo ímpar.

Cabe destacar aqui, que é notável, que a narrativa de testemunho possui relações com outros gêneros discursivos, como, por exemplo, a narrativa ficcional, a crônica e até mesmo algumas matérias jornalísticas (em rádio, televisão ou impressas), porém a narrativa de testemunho apresenta uma imbricada relação com a autobiografia (a escrita de si). Isto porque, Alós (2008), baseando-se na tipologia de Elzbieta Sklodowska, professora de literatura hispano-americana contemporânea, afirma que

tais narrativas partem da própria experiência do enunciador-escritor em questão e tomam como pretextos e antecedentes estratégias narrativas não apenas da narrativa-testemunho mediada como forma de legitimação, mas também outras provenientes dos diários e das autobiografias. (ALÓS, 2008, p. 4)

Dessa forma, o *tweet*, dentro do contexto que este artigo propõe investigar, seria uma narrativa de testemunho em que o enunciador e escritor é a mesma pessoa: são profissionais médicos que narram os seus dias a dia num ambiente em que a vida e o trauma da morte de tantas pessoas em curto espaço de tempo os afetam diretamente.

Nesse sentido, o que esses profissionais fazem é, senão, narrar o trauma, ou como afirma Seligmann-Silva (1998), narrar o inarrável. Sobre a escrita do testemunho, ele afirma

o testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição “realista do ocorrido”. De resto, testemunha-se – sempre, diria Walter Benjamin – uma cena traumática. (SELIGMANN-SILVA, 1998, p. 10)

O que o autor destaca, é que o testemunho não deve ser compreendido como realidade única, pura e simples, uma vez que o que está sendo narrado é apenas uma representação do que o protagonista experienciou, não podendo, portanto, ser confundido com a realidade fática.

Quanto a isso, Sarlo (2007), afirma que

a narração da experiência está unida ao corpo e à voz, a uma presença real do sujeito na cena do passado. Não há testemunho sem experiência, mas tampouco há experiência sem narração: a linguagem liberta o aspecto mudo da experiência, redime-a de seu imediatismo ou de seu esquecimento e a transforma no comunicável, isto é, no comum. A narração inscreve a experiência numa temporalidade que não é a de seu acontecer (ameaçado desde seu próprio começo pela passagem do tempo e pelo irrepitível), mas a de sua lembrança. A narração também funda uma temporalidade, que a cada repetição e a cada variante torna a se atualizar. (SARLO, 2007, p.24-25)

Importante notar a relação que a autora faz entre narrar a experiência e memória. Apesar de, sob este ponto de vista da autora, estarem relacionadas a questão da construção de memória e narrativa não serão diretamente abordadas neste artigo.

A narrativa de testemunho, conforme Seligmann-Silva (1998), está associada à escrita de episódios vinculados a eventos traumáticos: catástrofes históricas, opressão, guerras, pandemias etc., que podem ser narradas sob diversas formas de testemunho: romance, filmes, crônicas, e com o advento das novas tecnologias, essas narrativas também podem ser difundidas por meio das redes sociais. O *tweet*, como foi descrito anteriormente, é um gênero textual que emergiu no meio digital e, que por possuir uma escrita sintética, corresponde à uma necessidade desta nova era de informação - rápida e dinâmica - mas que diante das questões que urgiram durante a pandemia mundial da COVID-19, tornou-se também um espaço de escrita testemunhal de profissionais médicos, mas não apenas estes, que combatem a doença.

Analisar essas narrativas, a fim de mostrar que podem ser consideradas como narrativas testemunhais, é o que se pretende mostrar no próximo tópico.

Narrativas testemunhais em 280 caracteres

O Twitter é uma rede social que surgiu em março de 2006 nos Estados Unidos da América, porém só ganhou notoriedade mundial a partir de 2009 quando passou a receber maior número de inscritos em sua plataforma. Sua principal característica é a possibilidade de interação entre seus usuários de maneira rápida em textos sintéticos que respondem à pergunta “*O que está acontecendo?*”. Sobre o seu funcionamento, Recuero (2009) afirma:

O Twitter é estruturado com seguidores e pessoas a seguir, onde cada um pode escolher quem deseja seguir e ser seguido por outros. Há também a possibilidade de enviar mensagens em modo privado para outros usuários. A janela particular de cada usuário contém, assim, todas as mensagens públicas emitidas por aqueles indivíduos a quem ele segue. Mensagens direcionadas também são possíveis, a partir do uso da “@” antes do nome do destinatário. Cada página particular pode ser personalizada pelo twitter através da construção de um pequeno perfil. (RECUERO, 2009, p. 171)

Desde o seu surgimento, o Twitter passa por constantes atualizações e modificações. Inicialmente criada para pessoas físicas interagirem entre si, hoje já é possível encontrar perfis de empresas públicas e privadas, pessoas públicas (atores, cientistas, políticos) que utilizam desta rede social para manter uma relação mais próxima com seus seguidores.

Outra utilidade encontrada pelos seus usuários, os amantes da literatura e que vem ganhando força é a divulgação artística e, nesse campo surge a chamada *Twitteratura*⁶ em que os usuários, no espaço mínimo que possuem (280 caracteres), expõe suas produções literárias de modo instantâneo. O surgimento dessa nova forma de utilizar os 280 caracteres demonstra como o Twitter se transformou num mural narrativo, sejam ficcionais ou factuais, deixando, assim, de ser apenas o espaço em que se responde à pergunta “*O que está acontecendo?*” em que o dono da conta responderia com as trivialidades de seu dia. Neste espaço, diversos assuntos são tratados: política, educação, saúde, ciência. A resposta que se busca não está relacionada apenas ao que está acontecendo consigo, mas o que está acontecendo no mundo e como está acontecendo. Por isso, analisar os *twettes* de profissionais da área médica é tentar compreender o que está acontecendo, a partir das narrativas testemunhais, com aquele

⁶ Denomina-se *Twitteratura*, a literatura desenvolvida na rede social *Twitter*.

profissional, e sobretudo, reconhecer que essas narrativas são informações que vêm do *front* de batalha no combate à COVID-19.

Assim, foram analisados vinte e três *tweets* de dois perfis de médicos, usuários do Twitter, a fim de demonstrar que, pela estrutura narrativa, adaptada à essa rede social, constitui-se em uma narrativa de testemunho, atrelada ao gênero autobiografia (escrita de si). Os *tweets* foram selecionados entre os meses de maio e junho de 2020 e foram escolhidos a partir de *retweets*⁷ e curtidas de outros usuários que fizeram com que esses perfis surgissem em destaque. Ressalta-se mais uma vez aqui, o que afirma Santaella (2010), de que ao seguir uma conta nesta rede, assina-se um canal de informações, assim, conteúdos relacionados àquele domínio, aparecerão também em destaque.

No período citado, foram recolhidas 23 publicações relativas à COVID-19. Ressalta-se que os perfis selecionados são pessoais, portanto, há outras publicações que não estão diretamente ligadas à pandemia, assim, após a análise dessas publicações, estas puderam ser assim classificadas:

Tabela 01: Tipos de publicações

TIPOS DE PUBLICAÇÕES	NÚMERO ABSOLUTO	PERCENTUAL
Relacionadas ao número de mortos	06	26,09%
Relacionadas ao Lockdown ⁸	01	4,34%
Relacionadas à gratidão dos pacientes	02	8,7%
Relacionadas à convicção políticas	02	8,7%
Relacionadas a relatos de trauma e resistência	12	52,17%
Total:	23	100%

Fonte: elaborado pelos autores

A partir desse levantamento, percebeu-se que 26,09% relacionavam-se a número crescente de vítimas fatais em decorrência da COVID-19, para que seja possível aos seus seguidores compreenderem a dimensão do número de mortes.

⁷ Retweet é quando os seguidores republicam algo que lhes interessa.

⁸ Lockdown refere-se ao protocolo de confinamento com suspensão total ou parcial dos serviços, a fim de diminuir o número de circulação de pessoas na cidade, evitando, assim, a propagação do vírus SARS-CoV-2, causador da COVID-19.

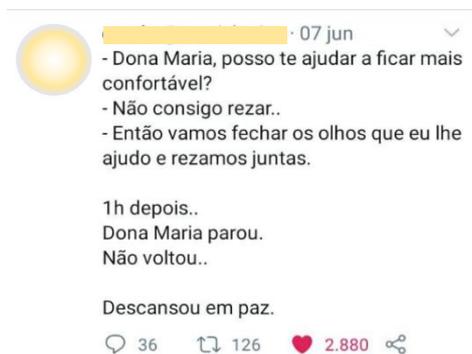
Imagem 1: relação com o número de vítimas.



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

Além disso, nota-se que não é apenas uma constatação matemática entre número de mortos e recuperados. Entre os perfis consultados, pode-se notar que esses profissionais agem além do que apenas profissionalmente, humanizando a situação e trazendo suas narrativas para mais próximo do leitor:

Imagem 02: relação com o número de vítimas

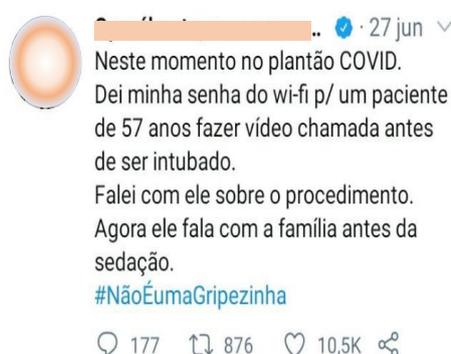


Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

A narrativa de testemunho desenvolvida na América Latina, segundo Alós (2008) possui “viés assumidamente político”. O Discurso, seja ele escrito ou falado possui carga ideológica, portanto, o uso da língua não é neutro. No Twitter, por meio de *hashtags* possibilita o agrupamento de conteúdo, é uma forma de indexação, utilizado para marcar um posicionamento político dentro da rede social. Durante o mês de junho,

o presidente do Brasil declarou que a COVID-19 não passaria de uma “gripezinha”. Não demorou muito para que várias pessoas se posicionassem contra esta declaração, criando a #NãoÉumaGripezinha”.

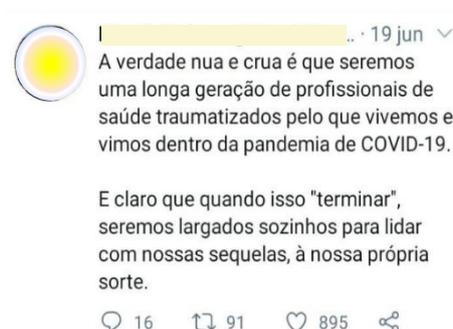
Imagem 03: relação com convicções políticas



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

As publicações feitas por esses profissionais trazem à tona a realidade de quem está na linha de frente, no *front* de batalha. Mostram uma realidade desconhecida da maioria da população. Sobre essa realidade narrada, conforme é afirmado por Seligmann-Silva (2008), não é uma descrição realista do ocorrido, pois ela vem carregada de trauma, o que se tem é a tentativa de “narrar o inarrável”.

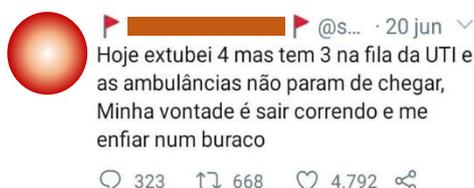
Imagem 04: relação com relatos de trauma e desistência



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

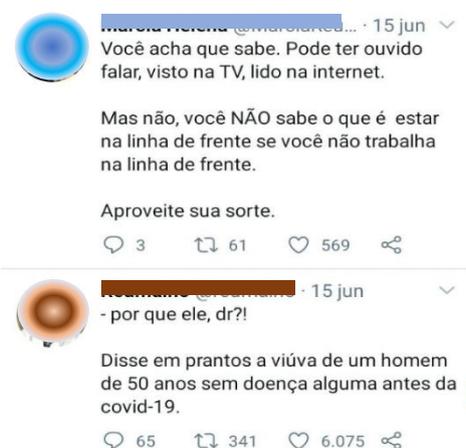
Diante de dados oficiais⁹, a rotina desses profissionais parece longe de ter uma fase de calma. Isso é percebido pelas publicações que ao longo dos dias foram se tornando mais pessimistas em relação à profissão, ao atendimento e possibilidade de haver redução no número de pacientes:

Imagem 05: relação com relatos de trauma e desistência



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

Imagem 06: relação com relatos de trauma e desistência



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

No recorte de tela a seguir, um recurso muito utilizado pelos *twitters*: o fio, ou *thread*, termo em inglês que é mais utilizado no Twitter. Este recurso é utilizado quando o que se tem a falar ultrapassa os 280 caracteres, assim, utiliza-se mais de um *tweet* para que haja um fio narrativo condutor:

⁹ Segundo dados oficiais do Ministério da Saúde, até o dia 26 de junho de 2020, o Brasil contava 56.109 mortes por COVID-19.

Imagem 07: relação com relatos de trauma e desistência



Fonte: Elaborado pelos autores a partir de publicações do Twitter

Diante de tantas perdas, as narrativas testemunhais tornam-se pessimistas. Quem narra, também narra seus traumas, encontra no Twitter não uma realidade paralela, mas um espaço onde se possa ser lido, ouvido. Não se objetiva aqui, levantar a tese de que essas publicações são literatura. Busca-se, a partir dessas narrativas vislumbrar que estas podem ser consideradas narrativas de testemunho, narrativas do trauma, narrativas autobiográficas que poderão, quem sabe, ter suas análises mais aprofundadas para que ganhem voz na história. Estes relatos representam 52,17% das publicações analisadas.

A breve análise, aqui feita, das publicações no Twitter de alguns profissionais médicos que atuam na linha de frente de combate à COVID-19, percebe-se que esta rede social se tornou espaço narrativo testemunhal que pode ser analisado à luz de várias outras áreas, não apenas da estrutura narrativa proposta pelos estudiosos da teoria literária.

Considerações finais

O advento das novas tecnologias provocou mudanças na forma como a informação circula entre os homens (mais rápida, mais objetiva, mas eficiente), da mesma forma que alterou a forma de se expressar.

Na era da cibercultura (LEVI, 1999), emergem novos gêneros textuais que, apesar de recentes, ainda mantêm relação com os gêneros que lhe deram origem, é o caso das narrativas no Twitter. O gênero narrativa de testemunho que, conforme Seligmann-Silva (1998), se refere à produções literárias durante episódios vinculados a eventos traumáticos, tais quais catástrofes históricas, genocídios, opressão, guerras etc, em muito está vinculada às publicações de profissionais médicos que atuam na linha de frente de combate à COVID-19. Ressalta-se aqui, que o objeto desse artigo não é o de levantar a tese de que tais publicações são obras literárias que estão emergindo naquela rede social, e sim de que tais publicações, por suas características adquiridas a partir do suporte em que se encontram, têm caráter testemunhal, mantendo características típicas da literatura de testemunho: escrita do trauma e contexto de produção.

Com base no que foi dito, foram selecionadas publicações de profissionais médicos e analisados vinte e três *tweets* publicados por seus autores. Ao final, percebeu-se que 52,17% das publicações ocorridas entre os meses de maio e junho de 2020, relacionavam-se às suas experiências nos centros de atendimento aos pacientes (hospitais de campanha, unidades de terapia intensiva, centros de terapias intensivas), relatando os impactos que o vírus da COVID-19 lhes causavam, não apenas como profissionais que estavam atuando na linha de frente, e estavam utilizando o espaço do Twitter como homens e mulheres que viviam, em tempo real, o trauma de uma pandemia mundial.

Diante do exposto, considerar as publicações desses profissionais como narrativas testemunhais, como narrativas do front de batalha, pode contribuir sobremaneira para análises futuras sobre o tema e sobre o novo suporte desse tipo de registro de escrita de si.

Referências

- ALÓS, Anselmo Peres. **Literatura de resistência na América Latina**: a questão das narrativas de testemunho, 2008. Disponível em: <http://webs.ucm.es/info/especulo/numero37/nartesti.html>. Acesso: 15 maio 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In.: **Estética da criação verbal**. São Paulo, Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 3ª. Ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- BRASIL, Ministério da Saúde. **Covid-19 no Brasil**. Disponível em: < https://susanalitico.saude.gov.br/extensions/covid-19_html/covid-9_html.html >. Acesso em: 26 de jun de 2020.
- BRUNER, Jerome. **Atos de significação**. Tradução: Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- GINZBURG, Jaime. **Linguagem e trauma na escrita do testemunho**. Revista Conexão Letras, Vol. 03, nº 03, 2008. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/conexaolettras/article/viewFile/55604/33808> > Acesso em: 05 jun 2020.
- LEMONS, André. **Cibercultura**: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2002.
- LEVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In. DIONÍSIO, Â. et al. **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In MARCUSCHI, L. A. e XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais**: Novas formas de construção de sentidos. Rio de Janeiro: Lucerna, 2010.
- MIOTELO, Valdemir. Ideologia. p. 169. In.: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin**: conceitos-chave. 2. ed. São Paulo; Contexto, 2005.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.
- RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado**: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução: Rosa Freire D'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Ler o livro do mundo**: Walter Benjamin, romantismo e crítica poética. São Paulo: Iluminuras, 1998.

SELIGMANN-SILVA, M. (2019). **Do museu como prisão de imagens ao triunfo da cidade como obra de arte total**. *Remate De Males*, 39(1), 38-62. Disponível em: < <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8654024/20939> > Acesso em 12 de maio de 2020.

SELIGMAN-SILVA, Marcio. **“Zeugnis” e Testimonio**: um caso de intraduzibilidade entre conceitos. *Revista Pandaemonium Germanicum*, nº 6, 67-83, 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/1982-8837.pg.2002.64399> Acesso: 16 maio 2020.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **O testemunho**: entre a ficção e o real. In: ____, org. *História, memória, literatura*. Campinas: Ed. Unicamp, 2003.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Testemunho e a política da memória**: O Tempo depois das Catástrofes. Projeto História, Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História da PUC-SP, v. 30, n. 30, 2006.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** - A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psicologia Clínica*, v. 20, n. 1. Rio de Janeiro: Departamento de Psicologia da PUC – Rio, 2008.

SUBRINHO, Abinalio e LIMA, Elizabeth. **Twitteratura**: A nanoliteratura nas redes sociais. *Revista Letras & Ideias*. João Pessoa, PB. V.1, nº1, p. 1-13, 2016.

PARENTE, Daniel Victor Teixeira. **A escrita sintética no Twitter**: um estudo sobre estratégias de composição textual em esferas interpessoais e institucionais. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014. Disponível em: < <http://www.uece.br/posla/wp-content/uploads/sites/53/2019/11/DANIEL-VICTOR-TEIXEIRA-PARENTE.pdf> > Acesso 10 de maio de 2020.

PRADO, Ana Lúcia et al. **Narrativas digitais**: conceitos e contextos de letramento. *Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Vol. 12, nº especial. 2, p.1156-1176, agosto de 2017. Disponível em: < <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/download> > Acesso: 07 de jun 2020.